

## **Bandas Filarmónicas – O preço da interioridade!**

Há dias, ao passar numa remota terra do Nordeste transmontano, de cujo nome não quero lembrar-me, fui convidado a assistir a um ensaio da Banda de música dessa pequena aldeia. Entrei na exígua e bolorenta sala de ensaio e fiquei boquiaberto.

A sala estava repleta de músicos que atacavam furiosamente as notas de um conhecido pasodoble (El Gato Montez). Contei-os e eram ao todo 48! uma enormidade, tendo em conta que a aldeia em questão conta apenas com 154 habitantes. Durante o intervalo, em conversa com alguns deles, pude aperceber-me que havia no seio desta banda uma enorme familiaridade entre eles. Só no caso da família Ferreira, havia 9 elementos, entre irmãos e primos! uma verdadeira bênção. Havia também o caso do Sr. Pinto, em que além dele, também os seus dois filhos e três netos faziam parte desta banda.

A paixão pela música filarmónica vai passando de geração em geração, como se de uma valiosa herança se tratasse. No entanto, este caso, não sendo único, é com certeza uma raridade, especialmente numa região do País que foi abundantemente sangrada pelo fenómeno da emigração e cujas feridas deixadas, ainda não estão completamente cicatrizadas.

A interioridade passou e continua a passar uma pesada factura a estas bandas. As vias de comunicação, apesar de estarem bem melhores do que há uns anos atrás, ainda sofrem de insuficiência e as instalações culturais são quase nulas ou inexistentes, pelo menos para a prática da música. É aqui que entra em cena a carolice e o altruísmo de algumas pessoas para quem a música filarmónica faz parte indissociável das suas vidas e com a generosidade que as caracteriza, movem montanhas em prol desta ancestral actividade. São os músicos, são os dirigentes e são os beneméritos que, abdicando do conforto dos seus lares, se dedicam de alma e coração a uma causa nobre, muito embora e muitas vezes não sejam reconhecido o seu desinteressado esforço.

De uma maneira geral, as bandas do interior, são o reflexo do desenvolvimento do País. O litoral continua a desenvolver-se aceleradamente e por conseguinte a atracção exercida pelos seus salários mais elevados, faz com que as pessoas do interior veja nele maiores oportunidades de singrar na vida. Isto aplica-se também aos melhores executantes das bandas de música do interior que vendo os seus horizontes artísticos e profissionais muito reduzidos, buscam melhores oportunidades de desenvolver as suas capacidades nas academias e conservatórios do litoral. Isto é facilmente comprovado pela quantidade de músicos oriundos do interior que actuam em bandas civis e militares das regiões do grande Porto e grande Lisboa.

Urge portanto, reduzir as assimetrias que nos separam neste campo. Embora já existam algumas escolas profissionais de música em determinadas localidades do interior, o número de alunos é insuficiente para abastecer as bandas das suas regiões. Também as compensações financeiras para os músicos, deixam muito a desejar, muito por culpa da falta de patrocinadores que ajudem economicamente, o que leva por vezes muitos músicos a tornarem-se verdadeiros mercenários, que vendem o seu virtuosismo ao melhor postor.

Resumindo, se não se faz nada que mude esta ordem de coisas, arriscamo-nos a continuar a assistir á morte lenta das bandas do interior, inclusivamente daquelas das pequenas aldeias como a que citei no início deste texto.

José Bernardino dos Santos  
Bombardino